

1a Parte

**Para tudo há um tempo determinado;
sim, há um tempo para todo assunto
debaixo dos céus.**

(Eclesiastes, 3:1)

MATILDE fechou a portinhola do casebre, cuidando, como sempre, em deixá-la ajustada ao batedor. Lançou olhares pelo arruado que se estendia ao longo do Canal, da linha férrea à Avenida da Vitória. Depois, acomodou o porrete por debaixo do volumoso nó da trouxa enorme, passando incontinenti a localizar, com rápidas apalpa-delas, as barras de sabão e os pacotes de anil. Por fim, alçou a trouxa à cabeça, assovacou a bacia à direita, ajeitou a toalha no pescoço e partiu ligeira.

Atingida a ponta do Canal, dobrou à direita, seguindo pelo beco estreito que ia ter à Padre Romão. Aí virou à esquerda, transpôs os trilhos, andou mais um pouco até encontrar-se em frente ao ponto de mercearia. Beirou o oitão da casa, alcançou a imensa quadra e rumou em demanda do muro da fábrica, ponto final da jornada.

Dentro em breve, antes que os ponteiros se verticalizassem nas 6 horas, estaria entregue à sua ocupação, ao lado de tantas outras que para ali acorriam diariamente.

— Sempre chegando cedo, hem?

— É... O senhor também gosta de madrugar...

— Tem de ser assim. Pego cedo pra largar ainda com dia.

— Eu também.

O diálogo travou-se com o operário em pleno caminhar, já prestes a ultrapassar o regato por cima do velho chassis que servia de ponte. Matilde, de pé, junto ao muro, fitando alternadamente o interlocutor e o ribeiro.

Por ali corria o chamado riacho da Fábrica, originário de uma baixada lá para os lados da Granja Paraíso, de onde partia, atravessando quintais e ruas, até à fábrica de beneficiamento de cera de carnaúba, por cujo pátio, nos fundos, prosseguia o curso até ganhar a quadra, cortar a Padre Romão, alargar-se na Chácara das Flores e derramar-se no Canal.

Durante os meses invernosos descia com impetuosidade, deixando o apertado leito, a água, de aparência iodosa, formando charcos, viveiros de muriçocas e mosquitos que à noite infestavam as redondezas.

— Que há?

— Nada. Só o sarampo comendo de esmola lá em casa. A praga começou lá pela ponta e já empestou todo o Canal. É o diabo!

— Matilde, aquilo é doença besta. Basta dar o chá de sabugueiro e passar açafroa nos olhos e garganta. O resto é o cristão não levar sol nem apanhar vento.

— É...

Donana, baixota, cheia de corpo, sobressaía entre as companheiras. Não se cansava de afirmar que sua família vivia financeiramente bem na cidade de Sobral, voltados, o pai e os irmãos mais velhos, para a confecção e comércio de chapéus e artigos outros de palha de carnaúba. Ela e a irmã caçula estudando em colégio, as despesas por conta do velho.

Ouvida da sua própria boca, todas no riacho conheciam-lhe a história. Fugira de casa aos 18 anos, por não suportar o tratamento que lhe dispensava o pai, desde que soubera do seu namoro com um oficial de polícia,

novinho, que fora destacado para Sobral. Apaixonara-se por ele, o suficiente para desprezar a amizade da irmã e os conselhos e advertências da mãe. Partiram uma boquinha de noite para Itapajé, onde residia uma tia do rapaz. Infelizmente, tendo de apresentar-se à corporação em Fortaleza, trouxe-a para cá, onde cedo a abandonou. A esses sucessos veio juntar-se uma série de outros, até a sua amigação com o moço da Gás Butano.

A medida em que o sol se alteava, enchiam-se as margens do riacho, em quase toda a extensão da quadra, de uma imensa variedade de tipos. Cada uma que chegava encontrando livre o seu lugar, como se, para tal, houvessem celebrado prévio ajuste.

Matilde e Donana batiam de testa, chamando a atenção os grotescos turbantes que improvisavam com toalhas encardidas. Apanhavam a água à saída do muro. Seguiam-se-lhes as outras: Rosa, Lindóia, Chica Grande, Totonha... Próximo ao ponto de mercearia, ficava, isoladamente, a Chagas, preta alta e forte, carapinha esbranquiçada, que passava o tempo todo ensimesmada.

Algumas preferiam meter-se em compridas calças, de fregueses ou de seus homens, arrematando, muitas vezes, o bizarro traje com chapelões de palha, de abas longas.

Por último, outras se vinham utilizando de *shorts* que, timidamente, ostentavam aos olhares invejosos ou reprovativos das companheiras.

— Matilde, não sei que diabo é isso comigo! Não agüento mais essa zoadá...

— Também tem dia que essas pragas se danam a falar tudo de uma vez que é um inferno! Outro dia fiquei com dor de cabeça de tanto a Teresa tagarelar com aquela ali de calças curtas.

— Não. Não é isso, não. Eu é que ando azucrinada.

— Por que, mulher?

— É tanta coisa... Trabalho em demasia, menino doente, o Mundoca enjorcando por aí sem fazer nada. Olhe que uma só pra botar tudo dentro de casa é fogo! Isso é vida de cachorro, mulher!

Matilde continuava a bater, o cigarro preso ao canto da boca. Ainda faltava muito para acabar a primeira operação da lavagem, a mais penosa. Sua fama junto às freguesas obrigava-a a esmerar-se no trabalho. Não era de apenas enxovalhar.

— Até o diabo desse sabão está ficando ruim...

— Hoje em dia tudo está falsificado, Matilde. Até leite de jumenta.

— Cadê, o menino melhorou da tosse?

— Nada! Não estou dizendo que até leite de jumenta não vale mais nada!...

Donana entreabriu um dos seus costumeiros sorrisos, sinal de que a indisposição de que se achava acometida naquele dia não se apresentava suficientemente forte para eliminar-lhe o espírito galhofeiro.

— Já acabou, Donana?

— Já.

— Espera aí. Tá no fim. Me ajuda aqui: estende esses paninhos!

— De quem é essa roupa?

— Da casa do Seu Carlinhos.

— O velhaco?

— Não é!... Nunca vi casal tão certo. Se o marido é esperto, a mulher diz arreda! E o diabo do homem dá palpite em tudo...



Matilde e Donana persignaram-se ao mesmo tempo, mal o relógio dos Remédios fez soar o meio-dia. Dali a

instantes todas se arranchariam em pequenos grupos, aproveitando os pontos sombreados.

A hora da bóia, as trouxinhas se abriam para dar lugar à refeição, consistente, quase sempre, de rapadura, farinha e pão ou de carne-seca torrada com farinha. Poucas as que almoçavam a sua comida de pobre: feijão, toucinho, farinha e um pouco de arroz. Depois, vinha a água que conduziam em cabaças ou quartinhas de barro.

Chagas era a única que não obedecia à parada das 12. Preferia, esquisitona, tirar de um fôlego. Batendo, pondo no coradouro, aguando. Os panos mal chegavam no ponto e eram logo enxaguados. E que robustez ostentavam os músculos da velha preta! Por isso, àquela hora, quem por ali passasse poderia observá-la, casmurra, próximo à ponte, ou zigzagueando entre as peças, bacia pressionada contra a cintura, nelas lançando mãozadas d'água.

Rosa e uma brancosa mofina ofereciam também particularidades destacáveis. A primeira, com o ressoar do sino, largava o trabalho e rumava para casa, nas imediações do riacho. Ia almoçar em casa — dizia — para apaziguar as repetidas contendas entre os numerosos filhos, à hora da refeição. A brancosa, vinha-lhe a comida trazida pelo próprio marido.



— Olha as cabras, pessoal!

A invasão dos coradouros por rebanhos de criação já se tornara acontecimento rotineiro. Cabras e carneiros para ali eram tangidos por moiteiros do Km-8 e Jardim Americano a fim de aproveitarem a grama e água fartas que a quadra oferecia. E provocavam sempre aborrecimentos às lavadeiras, pois, na ânsia de comer e de beber, os animais adentravam furiosamente o terreno, sujando e estragando a panaria estendida. Daí, ao partir o alarma, todas se munirem de pedras para conter a investida.

— Isso é uma merda! Todo dia a mesma esculham-
bação! Onde já se viu criar cabra solta na cidade?

— Se ao menos esses filhos de umas éguas trou-
xessem os animais com cuidado...

— Taca a pedra! Outro dia, num abrir e fechar de
olhos, despedaçaram uma blusa de pijama!

— Vai-te, desgraçada! Vai comer o fundo das cal-
ças do teu dono!

O episódio das cabras vinha costumeiramente inter-
romper o descanso do meio-dia. Levadas para a outra
extremidade da quadra, por lá permaneciam, observadas
pelos improvisados pastores, na maioria molecotes de
calças curtas, despídos do tronco e forrados dos pés
com japonesas.

A quadra, contudo, era ampla, oferecendo suficiente
espaço, não só às lavadeiras, mas também aos animais
e à meninada e rapazes que a elegiam, todas as tardes,
para campo de peladas que se prolongavam até o
escurecer.

BILINHA não dispensava, aos sábados, a paradinha na barbearia do Seu Jonas, famoso em todo o bairro pela habilidade no trato de bigodes. Por isso, decerto, lhe pegasse a jeito o apelido de Jonas Bigodeiro ou, simplesmente, Bigodeiro.

O ponto não era lá grande coisa, com as paredes de taipa aqui e acolá derreadas. Situava-se em rua movimentada e servia também de residência. Na sala a barbearia, comunicando-se com o único quarto através de duas portas, ou melhor, de duas aberturas de porta, no comprido das quais pendiam cortinados invariavelmente sujos.

Seu Jonas falava arrastado, estropiando as palavras. Preferia, a todo instante, suspender o trabalho, com a característica batidinha da tesoura no pente, e ligar as antenas para captar as novidades. Conhecia a vida de todo mundo no bairro e, se o assunto lhe interessava, aí então provocava o pormenor elucidativo.

- Ali da igreja?
- Sim. Um novinho, ruivo, que fuma cachimbo e passeia de Volks.
- Ora, todos fumam cachimbo e passeiam de carro.
- Um meio baixo, forte...
- Sei não...
- Pois muita gente já pegou.
- Não é possível...

A notícia não cheirava bem a Seu Jonas, apesar de não deixar de despertar-lhe a curiosidade. Dona Augusta sempre se portara com honestidade. Era verdade que se enfeitava demais, carregando nas tinturas faciais. O exagero não o surpreendia. Não se tratava de mulher branca, da pele fina? Somente muito creme, ruge e batom.

Bilinha também desconhecia. Pouco ligava para a vida dos outros. Desejava lá saber se Dona Augusta, a branca, com a postura petulante de pobre metida a rica, torada por missa e novena, houvera caído nas graças de padre tal ou qual!... Além do mais, não era de freqüentar igrejas e muito menos gravar fisionomia de padre ou freira.

No caso particular dos padres de São Sebastião, não havia, entretanto, quem não soubesse da sua atuação em toda a redondeza. Não fazia dois anos que ali chegaram e o lugar já se vestia de garança, acompanhando, a passos largos, o progresso de outros bairros. Matilde até lhe falara da visita de um padre estrangeiro (seria o tal padre ruivo de Dona Augusta?) que aparecera um dia e amiudara as visitas ao Canal, invariavelmente, com uma mocinha morena, que perguntava por tudo e tudo anotava. Parecia-lhe que chegara mesmo a prometer emprego para o Mareco, com a garantia do estudo à noite.

A conversa sobre Dona Augusta findou com a intervenção do Seu Jonas, sem que muita gente descobrisse a identidade do padre ruivo e baixo que fumava cachimbo e passeava de Volks. Outros assuntos surgiram para logo cair no desinteresse geral. Piadas, poucas se contaram naquela manhã, mas Bilinha se fora deixando ficar, como que para desfrutar ao máximo a ociosidade que há muito o impelia a buscar matar o tempo.

Jogador de futebol, desde que se afastara das canchas, beirando os 37, não voltara a ter ocupação certa por mais de dois meses. Muitas vezes se entregava a meditações sobre a situação da família, mulher e cinco filhos, o mais velho dos quais — Mareco — sem ainda

haver atingido 13 anos. E a coitada da Matilde se matando em cima de uma tábua, encharcada o dia todo, para conseguir ao menos a alimentação. Nada de verdadeiramente proveitoso encontrara em que pudesse engajar-se e daí retirar o sustento dos seus. Não lhe faltava disposição para o trabalho, só que jamais aprendera a fazer outra coisa senão jogar futebol e a sua condição de grande ídolo do passado irresistivelmente o impedia de enfrentar empregos que o colocassem em situação vexatória perante aqueles que o viram jogar por longo tempo. As meditações, por isso, terminavam sempre no desejo de reafirmar-se no mundo da bola, num clube qualquer, como treinador, nem que fosse de equipes inferiores.

A manhã encurtava-se e ninguém na barbearia dava mostras de ter o que fazer. Nem o próprio Seu Jonas, que prosseguia, com irritante lentidão, a despachar os raros fregueses.

— Seu Jonas, parece que a onda de cabeludos não tem influído não, né?

— O que?

— Parece que...

— Sim. Só cortei até agora de uns dois. Cortei, não: aparei.

— É uma falta de vergonha. Na rua tem deles que são a mesma coisa que mulher. É nas camisas, é nas calças, é nas sandálias e tamancos.

— Só falta mesmo usarem brinco...

— A veadagem é que lava...

— Ora se...

— E as vaias?!

— Estão lá ligando pra vaia!

— É caso é de polícia!

Perto das 12, Bilinha resolveu retornar ao Canal, não sem antes demorar-se no primeiro boteco para as duas bicadas de costume.

FICARA-LHE a lição do ano anterior. Era preciso cuidar cedo da matrícula do Mareco e da Tildinha. Pelo menos os dois mais velhos não poderiam ficar sem estudos. Difícil talvez lhe fosse conseguir vaga no turno da noite para o Mareco. A menina continuaria à tarde, com as manhãs livres para tomar conta dos irmãos menores e preparar o almoço. Ah, triste dela e da casa sem a esperteza dos 9 anos da pequenina Matilde, a Tildinha, como carinhosamente a tratavam em casa! Também não devia exigir que o Mareco desse para essas coisas. Homem não fora feito para trabalho de casa. Acabaria se amaricando. O negócio era esperar por um emprego. Mas de quem? Ali estava Bilinha para comprovar a dificuldade de se conseguir um.

Ao lembrar-se do marido, eternamente desocupado, de logo imaginou o filho na mesma situação, quando crescesse: ora deitado, ora sentado à frente da casa, sempre à procura de conversa, demonstrando, como preocupação maior, não faltar-lhe o pouco para o cigarro, o futebol e o ônibus. E se enveredasse pelos caminhos do futebol, a exemplo de Bilinha, que não se cansava de proclamar, decerto com vistas ao convencimento do filho, que os tempos mudaram e que agora jogador de futebol ganhava dinheiro?...

Aconselharam Matilde a procurar Dona Cidinha, a mulher do doutor, que ensinava no Grupo e que desfru-

tava de muito conceito perante a diretora. Diziam que nunca se recusava a atender aos pedidos que lhe faziam. Bastava dar-lhe o nome do candidato e ela prontamente se interessava pelo atendimento. Quem sabe se até o emprego do Mareco não sairia, ela falando com o doutor?

Os dias sucediam-se numa incrível rapidez, encurtando o mês de dezembro. O Canal adquiria novo colorido, com a pintura, aqui e ali, dos casebres, alguns deles passando por reformas. A Prefeitura acabara de efetuar a limpeza de todo o valado e o terreiro do Seu Nozinho, ao ar livre, dando para a via férrea, tivera aumentado o cimento, sinal de que pretendia elevar o movimento com as suas costumeiras festas aos sábados, ao embalo de muita algazarra e cachaça.

Decidira-se ir até a residência de Dona Cidinha, numa hora em que o doutor não estivesse, à boquinha da noite. Ele só chegava lá para as 10. Trabalhava também à noite. O homem tinha a cara dura e pouco falava. Pelo menos fora isso que lhe dissera o Bilinha.

Tildinha e Mareco, encostados na mesa, aguardavam a mãe que, propositadamente, deixava-se demorar, remexendo nas latas que se alinhavam em improvisada prateleira, na cozinha.

— Vambora, mae!

— Já vou, menino! A mulher ainda deve estar jantando. Gente rica come tarde...

— Mãe, como é a casa dela?

— Sei não. É casa de rico. Não quero ver ninguém se danando lá! Não é pra bolir nos brinquedos dos meninos!

— Ora...

Saíram os três. Matilde não tirava os olhos dos filhos, que caminhavam à frente, em passos apressados, arrastando as japonesas. De suas vestes recendia o cheirinho característico de roupa velha bem lavada e engomada.

A proporção que se aproximavam da casa de Dona Cidinha, sentia Matilde amudarem-se os calafrios, breves, de que não podia livrar-se em situações especiais. Começavam pelo estômago, de onde se difundiam até a cabeça e os pés, às vezes alternadamente, às vezes ao mesmo tempo. Precisava reunir coragem, controlar-se. Tentar explicar a necessidade que tinha de conseguir as duas vagas e, em meio à conversa, quem sabe, pedir-lhe o emprego ou a sua intercessão junto ao doutor, para arranjá-lo. E se Dona Cidinha não a recebesse de boa vontade? E se o doutor estivesse em casa? Aí tudo se complicaria. Falar na presença dele, nunca!

Estava a poucos passos do final da Tiradentes. Depois, dobrando à direita, pegaria a Francisco Sales até alcançar a casa, logo no meio do quarteirão.

- Que foi, menina?
- Foi o cabresto, mãe! Largou...
- Dá pra ajeitar?
- Ora se!...

Já dentro de casa, Matilde explicava, como podia, o motivo da visita. As crianças paradas, sem mexer em nada. Observavam apenas. Tudo, tudo que se tornasse possível aos seus olhinhos curiosos. A sala ampla continha um mínimo de móveis e objetos de decoração. Chamavam-lhes a atenção particularmente as quatro grandes estantes, com os livros cuidadosamente arrumados, uns ao lado dos outros. Jamais se depararam com tanto livro. Experimentavam o desejo de se aproximar das estantes para vê-los de pertinho, se possível tocá-los, ler o que estava escrito em suas capas coloridas.

- Olha ali, Tildinha!

A área descoberta que ligava a sala de visitas à copa quase não comportava a imensa variedade de brin-

quedos: bicicletas, velocípedes, trator, carrinhos, bolas, patinetes, tambores e muitos outros.

Mareco não se conteve. Aquilo para ele representava infinitamente mais que os escritores enclausurados das estantes. E lhe veio à mente, então, que Dona Cidinha deveria ter muitos filhos, pois somente bolas chegara a contar seis.

— De quem são?

— Dos meninos. Não ligam pra eles, meu filho. Vivem aí jogados.

Mal Dona Cidinha acabara de satisfazer à curiosidade de Mareco, apareceram duas crianças, nuas da cintura para cima e descalças. Vinham suadas e os pés da cor de carvão.

— Mãe, me dá refresco!

— Eu quero guaraná...

Não dispensaram a menor atenção às visitas. Seus corpinhos franzinos e traços fisionômicos patenteavam acentuada semelhança com o pai.

— Mãe, deixa eu ir passear de bicicleta na pracinha!

— Não é possível! Vocês não acabam de vir de lá? Passam mais de uma hora jogando e ainda querem voltar, mal chegam em casa... Não! Vão tomar banho para dormir!

— Pois, Dona Cidinha, muito obrigada. Deus é quem vai lhe pagar.

Retornaram com as vagas garantidas e o emprego do Mareco mais ou menos encaminhado.

— Mãe, quer dizer que nós vamos estudar no Grupo de novo?

— Vão. Tão boazinha... O doutor também deve ser gente boa. O povo é porque gosta de falar.

Suave, a brisa envolvia mãe e filhos no regresso vitorioso ao Canal, que já se anunciava, ao longe, através das mensagens sonoras levadas ao ar pelos alto-falantes da "Voz do Oriente". Matilde à frente, as crianças, mais do que nunca irmanadas pelo interesse que nelas despertara o pequeno mundo de livros e brinquedos da casa do doutor.

— RAPAZ, que troço difícil!

— Mas é o tipo do joguinho gostoso... Só a expectativa...

— Nunca passei dos nove pontos. Só vai jogando muito, na base do duplo e do triplo. Do contrário é perder tempo.

— Conversa! Pode olhar que a maioria do pessoal que acerta os treze pontos é gente pobre: lavadeira, maquinista, borracheiro...

Bilinha estava ali a defender a comissão, pequena realmente, mas que lhe ia servindo para o cigarro, o transporte e o futebol. Melhor que continuar vivendo de facadas em um e outro. Por isso, procurava injetar no ponteiro — e que freguês chato! — um pouco de otimismo. Fingia desconhecer os valores das apostas e preferia não ofendê-lo, sem lhe dizer que, no duro, ele é que não sabia jogar.

Aquela hora as rodinhas na Praça do Ferreira atingiam seus maiores momentos, espraiando-se por toda a quadra norte, sobretudo na espaçosa calçada do hotel. Dava gosto ver a mistura de pessoas, desniveladas socialmente, porém identificadas naqueles instantes pelo assunto comum — o futebol. Aqui se dizia que o juiz viera com o propósito de não permitir que o time de casa levasse a melhor sobre o adversário, equipe nacional-

mente conhecida, constituída por jogadores famosos, alguns com lugar assegurado no selecionado brasileiro. Para o Dr. Pestana (não era esse o seu nome. É que ostentava vistoso anel no dedo mínimo da mão esquerda e piscava o tempo todo), somente muita peia nos tais juízes de encomenda, com o que aprenderiam inesquecível lição. Ali, comentava-se que o Ceará jogara mal, que a sua meia-cancha não se movimentara a contento na armação das jogadas. Mais adiante, no aglomerado maior, discutia-se sobre as arrecadações conseguidas até então pelo representante cearense no Campeonato.

— Se a classificação dependesse de rendas, não teria nem graça. O Ceará botaria pra trás muito time grande do Sul.

— E por que no ano passado não botou?

— Não botou porque o time começou a perder a torto e a direito, logo no começo, deixando escapar qualquer chance de classificação, e os torcedores da sua marca deixaram de comparecer ao estádio.

— Esse bicho é torcedor do Fortaleza. Vive despeitado...

— Despeitado!... Vê lá quem tem mais campeonatos...

— Isso é desculpa pra boi dormir. Por que ele não foi pro Nacional?

— Porque a Federação não deixou. Estava tudo arumadinho pra ser o Ceará o campeão.

— Conversa fiada! A Federação fez o que pôde pra botar o Fortaleza, com aquela história de que o nosso representante deveria ser o campeão.

— Pergunta a ele por que a Federação queria o campeão? É que pensava que o Fortaleza engoliria o Ceará na melhor de três...

— Responde agora! Vocês pensavam que o Ceará iria tremer como o coitado do Ferrim. Ali é time, bicho...

— Não foi campeão por causa dos juízes. Todo mundo sabe que o Ceará costuma comprar juiz. E o que não se vende tem medo da torcida.

— Uh! Ih! Arre égua! Esse bicho é apaixonado! O Fortaleza já era... Vão pagar o atrasado!

O torcedor, recebendo o assédio generalizado de simpatizantes do Ceará, tentava furar o bloqueio, sensivelmente encabulado. Com sorrisos amarelos, buscava vislumbrar a melhor saída para a retirada. Pressentia que a rodinha estava por degenerar e que iria terminar levando tapas e empurrões. Precisava escapulir enquanto o negócio não passava do terreno das vaias e nomes feios.

E pensava certo.

Ao menor movimento de debandada, recebeu violento encontrão de um sujeito que, pelo visto, beirava a casa dos 120 quilos. Cinco ou seis mãos, ao mesmo tempo, cobriram-lhe a cabeça. Todos, sadicamente, queriam vingar a desfeita. Não fora a parede humana em que esbarrou, decerto teria ido ao chão. Viveu maus momentos antes de conseguir safar-se.

Mais na frente parou, abatido, tremendo, o sangue como que lhe faltando nas veias. Custara-lhe cara a ousadia de enfrentar os torcedores do Ceará: além do vexame, deixara lá ficar uma das chinelas, a do pé esquerdo, cujo dedão sangrava, não sabia se resultado de topada ou do pisoteio de alguma robusta reiúna.

As rodinhas diminuíam de número e de participantes. Bilinha, de volantes embrulhados num plástico, deslocava-se de uma para outra, entregando-os, de dois em dois, aos fregueses que parecia rarearem de teste para teste. Questão de concorrência. O grosso dos freqüentadores da Praça preferia fazer as suas apostas nas bancas de revistas. Questão de segurança. Permaneciam abertas das 6 às 24 horas. A qualquer instante se podia receber o cartão. Afora isso, nem todos o conheciam. Ou, mes-

mo o conhecendo de vista ou de nome, não tinham a obrigação de nele confiar.

Deveria aproveitar o resto da manhã, pois, às 12 horas, terminava o prazo para a entrega das apostas. (Os intermediários estabeleciam amplas cadeias de distribuição e arrecadação de volantes, utilizando pontos fixos e numeroso contingente de cambistas em cujo rol se incorporara ultimamente.)

Dali rumaria a outros locais. Eram os ponteiros que aguardavam semanalmente a sua visita. Iria a escritórios, farmácias e mercearias, com a pressa que exigia a atuação do derradeiro dia.

Enquanto isso, a Praça continuaria a receber outros bilinhas, alguns famosos como ele fora nos seus tempos de jogador de futebol, outros menos brilhantes em suas trajetórias esportivas, quase todos, no entanto, sem ocupação definida, vivendo de atividades e expedientes nem sempre recomendáveis.

A EXCEÇÃO das terças e quintas, Bilinha podia ser visto, pela manhã, subindo, a pé, a ladeira da Prainha para a costumeira visita ao Zuca, seu companheiro de equipe nos tempos do fabuloso Bitonho.

Foram as expressões mais destacadas do clube por quase uma década, idolatrados pela torcida e bajulados pelos cartolas. Junto a eles muitas revelações tiveram momentos de esplendor e explosão, obscurecendo-lhes, por algum tempo, o cartaz. Mas, passavam e, então, voltavam os três à primitiva condição. Alguns não resistiam ao elogio fácil estampado nas páginas dos jornais ou projetado pelos microfones das emissoras de radiodifusão. Deixavam-se, por isso mesmo, mascarar, alterando o procedimento dentro e fora dos gramados. Entravam a freqüentar cabarés e casas de jogos, entregando-se, de igual modo, à bebida. Daí para a queda de produção era um nada. Outros pouco demoravam, atraídos logo por algum grande clube de um centro mais adiantado. Os três, todavia, como que faziam exceção à regra. Permaneciam irredutíveis às investidas.

Bilinha não esquecia a tarde fatídica daquele sábado, último dia em que os três atuaram juntos. O Ceará enfrentava um adversário reconhecidamente fraco e o jogo transcorria sem grande movimentação. A superioridade alvinegra se manifestava incontestemente, a ponto de findar a primeira metade do tempo regulamentar com o

placar registrando dois tentos a seu favor contra nenhum do antagonista, um dos gols assinalado, de bela feitura, por Bitonho.

Não havia decorrido dez minutos do segundo tempo quando Bitonho recebeu um lançamento longo, na esquerda, pelas costas do lateral direito. Avançou célere até a linha de fundo e alçou o centro para a área. Ali mesmo se deitou, contorcendo-se todo. Levado às pressas para a Assistência Municipal, faleceu horas depois, desfazendo-se naquela véspera de 1º de abril o famoso trio, responsável por muitos títulos conquistados pelo clube.

— Sempre fomos muito amigos. Dentro de campo nos entendíamos de olhos fechados e, nos dias de folga, bebíamos a nossa cachacinha sem prejudicar a ninguém.

Bitonho é que, às vezes, exagerava um pouco nas comemorações.

— Tínhamos uma jogada ensaiada de que nasceram muitos gols: o Zuca jogava de centro-médio, o Bitonho na ponta-esquerda e eu na ponta-direita. Zuca sabia o momento exato da manobra. Pegava a bola na sua intermediária e lançava, pelo alto, para Bitonho, que corria até a linha de fundo e cruzava com força. Eu acompanhava com atenção a jogada, enfiando-me pelo meio da área adversária no instante preciso e pegando a bola de frente para o gol, aplicando o arremate de primeira ou a cabeçada certa. Era um pão! Quantos gols eu não fiz assim...

Bilha afirmava, com a confirmação de Zuca, que a jogada nascera entre os três sem a mínima interferência de treinador.

— No meu tempo, a gente jogava à vontade. O técnico apenas mandava ganhar o jogo. Só servia para distribuir as camisas e gritar pela vitória feito doido.

Zuca e Bilinha conversavam sempre sobre o mesmo assunto, talvez o único de que entendessem de verdade — o futebol. Zuca a despachar os raros fregueses e Bilinha sentado no tamborete junto ao estreito lance de parede que separava as duas portas da entrada, que indicavam tratar-se o prédio de uma mercearia.

— Você soube aproveitar o dinheirinho que ganhou.

— É, Bilinha, sempre pensei no dia de amanhã. Nunca me deixei levar por conversa de diretor. Comigo era o preto no branco.

— Como as cores do nosso querido time...

— Zuca, quem vence amanhã?

— Pergunta aí ao Bilinha. Ele é que está por dentro. Foi ontem ao treino.

— Sei não. Está faltando raça no time. Só tem jogador de fora.

— Nunca vi!...

— Essa turma não quer nada. Jogam muito nos jornais. Dentro de campo, cadê os homens? Veja esse tal de Mochila. Ô negro ruim da gota! Dá nojo ver o bicho jogar... Passa o tempo todo caindo ou perdendo bola. Tem medo de pau que se péla.

— Assim mesmo vou apostar no Ceará.

— Eu não apreciei o treino, não. O técnico gosta muito de complicar. É metido a durão. Não permite que a meia-cancha passe da metade do campo e a linha é pra ficar recuada o tempo todo. Como pode o time fazer gol?

— É, mas eu confio no Vico. Só aquele chute... Pode haver alguma falta ali por perto da área e o homem é um perigo...

O rapaz se apresentava como símbolo autêntico do torcedor alvinegro, para quem todos os adversários não passavam de equipes inferiores. Não estava assegurada a escalação do Vico?

- Não sei como o Botafogo solta um homem desse!
- E você queria que ele entrasse naquela linha?
- Pra ficar na reserva. Não sei. Domingo estou lá.

Quem se deparasse com Billinha naquela postura de humildade, confirmando mais que discutindo, numa atitude de quase subserviência ao antigo companheiro, não reconheceria nele o outrora desconcertante ponta-direita do Ceará. Envelhecera demais nos últimos anos, mais do que se podia esperar. O cabelo pintando. A esbeltez cedendo lugar à magreza. Parecia não se repetir com ele aquilo que é uma constante na vida dos atletas: crescer de carnes quando abandonam o esporte, sobretudo a barriga. Até os seus 165 centímetros davam idéia de haver encurtado. O moreno acaboclado derivando para um preto amarronzado.

Talvez ele mesmo não soubesse explicar o motivo da decadência. Não o encontrasse na alimentação parca e descontrolada, nas exaustivas caminhadas a pé e no exagerado uso do fumo. Nunca lhe passará pela cabeça a lembrança de um auto-exame, ou melhor, uma parada demorada frente ao espelho.

Também não o afligia a condição de desempregado, a Matilde sustentando praticamente sozinha o peso da casa, batendo roupa o dia inteiro. Acostumara-se àquele tipo de vida e nela se encontrava integralmente engajado. Afinal de contas, desde que findara o seu último contrato de profissional, não mais obtivera emprego duradouro, isso já passados tantos anos. Até que vez por outra procurava junto a um e a outro. O que amenizava a situação era a compreensão do Zuca, as facadas em outros amigos e, por último, a mirrada comissão da Loteria Esportiva. As coisas, entretanto, haveriam de melhorar. Quem sabe se ele, também, não terminaria por acertar os treze pontos?

MATILDE a reconheceu logo. Era a moça do padre ruivo que, dias antes, estivera em visita às casas do Canal, fazendo perguntas e anotando, agora mais à vontade, metida numas calças Lee desbotadas, com a blusa de meia colada ao corpo e devidamente passada. Parecia assim mais jovem ainda. Ao seu lado, uma outra moça, vestida quase nas mesmas condições e portando, junto aos seios, por baixo dos braços em cruz, uma prancheta a que se prendiam folhas de papel parcialmente impressas. Constituían exemplares de um questionário.

— Você está se lembrando de mim? Esta aqui é minha colega de faculdade. Não lhe disse que vinha ver o seu trabalho?

— Me lembro. Mas você está um pouco diferente.

— Desejo lhe fazer outras perguntas. O padre Pedro gostou muito da senhora e está lembrado do caso do seu filho. Como é mesmo o nome dele?

— Mareco. Tem 12 anos. Vai estudar para o ano, à noite, no Antônio Sales. A mulher do doutor arranjou a vaga.

— Muito bem! Como é o nome dela?

— Dona Cidinha, tão boazinha!

Irene, seguindo as instruções do coordenador da pesquisa, buscava captar a simpatia e confiança plena de

Matilde. A mulherzinha, apesar de semiletrada e de excessivamente tímida, não deixava pergunta sem resposta, mesmo que dada ao seu modo.

— A senhora já disse que tem o encargo de sustentar a família: a senhora, o marido e as cinco crianças. E ele?

— Ajuda como pode, coitado! Também desempregado...

— Há quanto tempo a senhora sustenta a casa?

— Mais de seis anos... Desde que ele deixou o futebol.

— Sempre foi lavadeira, isto é, não teve a senhora um emprego fixo?

— É a única coisa que sei fazer, e o riachinho fica tão perto de casa!

— A casa do Canal é própria?

— A moça quer dizer a barraca da gente?

— Sim, a casinha.

— É do Seu Melo. Ele aluga por noventa cruzeiros por mês. Ali tudo é dele, até a casa do Seu Nozinho. A moça não viu aquela casa da esquina?

— Aquela é bem maior. Serve também de mercearia e de clube.

— Pois é...

Irene procurava as respostas para o questionário, aproveitando, no entanto, outras informações que Matilde fornecia. Essas, lançava-as no espaço destinado a observações.

Engajara-se antes em outros projetos de pesquisa na faculdade. Tinha já bastante prática na aplicação de questionários, ao contrário da colega cuja iniciação se estava processando naquela oportunidade.

Padre Pedro, desde que assumira a direção da Paróquia de São Sebastião, resolvera arrancá-la do marasmo em que se encontrava. A igreja permanentemente

por pintar, as rendas não chegando nem para as despesas mais necessárias, como a compra de hóstias, de vinho, de azeite para o Santíssimo e de velas para os altares. Vivia praticamente na dependência da boa vontade da velha Francisquinha, a quem a molecada do bairro não se cansava de chamar de Bosta Seca, tal a magreza do corpo comprido e desaprumado e o excesso de rugas na testa e no queixo. A cor da pele ajudava a completar o quadro justificativo da alcunha. Dona Francisquinha, coitada, é que abria a igreja, varria e espanava, preparava os altares e batia o sino.

Com a vinda dos sacerdotes estrangeiros, à frente o padre Pedro, branco da pele e ruivo do cabelo, decidira o arcebispo pôr em execução o projeto, já um tanto antigo, de desmembramento da Paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres, dela desvinculando a capelania de São Sebastião e, conseqüentemente, elevando-a à condição de paróquia.

Muitas versões circulavam para explicar o descaso, em termos de assistência e interesse, que caracterizava a atuação dos até então responsáveis pela capela. Verdade é que padre Pedro e seus companheiros fizeram questão de ignorá-las, preocupando-se tão-só em transformá-la num instrumento de ação social e cristã. Muita coisa já fora feita. A igreja vestia-se com roupagem nova. Agora sempre pintada, o número de bancos aumentado, o altar-mor deslocado de posição, serviço de alto-falantes pelo corpo do prédio. As associações pias reestruturadas. Até a velha Francisquinha, mantida no cargo de zeladora, aparentava aspecto diferente. A chita aos vestidos substituída pela estamparia das fazendas em moda, a boca murcha de antes, agora atufada de dentes, dando a impressão de que o protético exagerara na contagem, ao moldar-lhe a nova dentadura, a cara entintada de ruge e os lábios igualmente pintados. Quem sabe se a mudança não acarretaria até mesmo o esquecimento do desdenhoso apelido? Quem sabe?

7

PADRE PEDRO ficara impressionado com a realidade que se lhe apresentara em todo o bairro. Aos 37 anos, não vislumbrara antes quadro tão desalentador. A pobreza da gente, crianças subnutridas e maltrapilhas, mulheres imundas, descalças, sempre à porta dos casebres. As ruas invariavelmente sujas, com o capim-de-burro dominando as coxias e o lixo jogado no meio delas ou nas esquinas, formando monturos. Os botecos proliferando a cada passo. Nada de mercado, de farmácias, de postos de assistência médica ou social. Às noites, era o zunir impertinente das muriçocas, compondo orquestras de sons e ruídos ensurdecedores. A escuridão nas ruas. Ausência de policiamento.

— É só pobreza e desordem...

Não se cansava de repetir para os de seu pequeno grupo a frase-síntese da sua impressão.

Os missionários, resguardados financeiramente pela casa-mãe, na Europa, pretendiam exercer da maneira mais profícua o seu ministério no bairro. Mas em termos diferentes, conjugando o transcendental com o terreno. Em outras palavras: pregando o reino do Céu sem esquecer o da Terra, conscientes como estavam de que ninguém quer mais ouvir o surrado chavão de que é preciso sofrer muito cá embaixo para conquistar a bem-aventurança celeste. Por isso, padre Pedro procurava

da melhor forma estabelecer o esquema de atuação do seu grupo.

Começara nos cuidados dispensados à igreja, na restauração dos atos religiosos. Depois partiria para o apostolado social, promovendo, para tanto, o entrosamento da paróquia com os setores adequados do governo. A pesquisa sócio-econômica lhe fora sugerida como a orientação mais acertada para conseguir o verdadeiro diagnóstico das condições de vida, necessidades e aspirações da comunidade. Os males seriam revelados em seus aspectos verdadeiros, e as soluções discutidas e apontadas pela equipe.

O prof. Ednardo Jaborandi, com larga experiência em investigações sociais, ao ouvir os propósitos de padre Pedro, comprometeu-se a elaborar o projeto e coordenar-lhe a execução, utilizando como auxiliares alunas da sua faculdade. Nada exigiria para si, à guisa de pagamento. Desejava apenas dispor de transporte e do material a ser utilizado na realização do trabalho. Conhecidos os resultados, era iniciar a ação objetiva, batendo à porta das autoridades e dos paroquianos em condições de ajudar. O esforço teria de ser conjugado. Todos unidos. Ninguém perderia por esperar.

Irene engajara-se com afinco na pesquisa. Impressionava o dinamismo que emprestava às atividades de aplicação do questionário. E tomara-se de afeição por Matilde, cujo "caso" considerava consigo mesmo deveras singular. Aquela mulher, ainda jovem, boa aparência, entregando-se ao estafante trabalho de lavadeira, com o marido em casa ou vagabundeando pela rua, sempre prontinho e gozando de perfeita saúde.

— Não, Bilinha é muito caprichoso. Só quero que você veja como ele gosta de se arrumar...

Decididamente não estava certo. Se casara, era para sustentar a família ou, pelo menos, ser o principal responsável pela sua manutenção. Se fosse doente ou ve-

Iho, vá lá... Mas tão novo... E ela fazendo tudo sem deixar escapar a menor recriminação à ociosidade do marido.

— Ajuda como pode, coitado! Também desempregado...

Talvez residisse nessa resposta a causa do heroísmo de Matilde. Quem sabe se Bilinha não se esforçava por encontrar algo de garantido em que se apoiasse para retomar a verdadeira posição de comando perante a família? Os dois deviam entender-se muito bem. Do contrário, Matilde não se referiria a ele de maneira tão carinhosa, até mesmo comovedora. Iria fechar o cerco em torno daquele caso. Teria de descobrir tudo sobre os dois, nem que fosse somente para satisfazer à sua curiosidade de mulher.

— Ajuda como pode, coitado! Também desempregado...

E quando era empregado, isto é, quando jogava futebol, será que cuidava bem da mulher? Punha de um tudo dentro de casa e a tratava como esposa? Ou, ídolo do esporte, deixara-se empolgar pela fama e a esquecia, trocando-a mesmo por alguma das suas fãs mais afoitas? Precisava saber.

— Ajuda como pode, coitado! Também desempregado...

A resposta de Matilde passou a representar para ela autêntico enigma. Agora era decifrá-lo e a tarefa não lhe parecia tão difícil. Absolutamente. A lavadeira até então não se recusara a responder a nenhuma pergunta do questionário. Voltaria ao riacho ou volveria ao Canal outras vezes. Tantas quantas se fizessem necessárias.

Nada a impediria de levar avante o desafio que a si mesma propusera. Tornara-se-lhe imperioso desvendar o mistério do “eternamente desempregado”.

NAQUELA quarta-feira Matilde chegou mais cedo em casa. Antes das 15 horas. Vez por outra puxava mais pelo serviço, no riacho, para ganhar tempo, à tarde, no engomado. Batia a semana toda, reservando o sábado para a tarefa de passar a ferro e de distribuição das roupas pelas freguesas, o que costumava fazer depois das 17 horas. Só não gostava de engomar à noite. Desde que apanhara uma barra de vento com o corpo quente do ferro. Levou tempo para recuperar-se, o lado direito meio entorpecido, a voz quase se estropiando, até que se lembrou de tomar umas copadas de gergelim com leite. Santo remédio. Descarregou-lhe o corpo.

Encontrou a casa deserta, só com a porta da frente encostada, presa ao batente por meio do grosso cordão que a ela se prendia e que se laçava no prego fincado no portal, ao lado. Todos ali repetiam o costume. Ela era a primeira a amarrá-lo de-manhãzinha quando saía para o riacho. E ninguém a forçava para invadir o casebre. Também para que? Para ver o vazio? Que é que havia ali capaz de interessar a arrombador ou descuidista? Não deixava o radiozinho em casa e a mala permanecia sempre fechada, a chave no cós da saia.

Matilde sabia que os meninos estariam por perto. Mareco, certamente, batendo bola no Campo do Ceará e o resto ali mesmo no Canal.

Saiu ainda com o pano amarrado à cabeça, mais na frente atravessou para o outro lado, valendo-se das carnaubeiras que serviam de ponte. Todos no Canal, grandes e pequenos, faziam a passagem com a maior naturalidade. Fossem outros tentá-la e falseariam ou se deixariam dominar pelo receio da queda. Boa iniciativa aquela do Seu Nozinho. Seguia com a mão no bolso, apalpando o dinheiro. Certamente ainda não se haviam acabado as pescadas, que mais se assemelhavam a tiras de papelão recortadas no formato de peixe. Não chegavam para quem as queria. Coisa simples de preparar, serviam de tempero que era uma beleza, assadinhas, lavadas apenas em água fria.

— Ainda tem, mas estão no fim. Também por esse preço...

— Me pese a metade e me dê também meio-quilo de farinha. Ainda é daquela boa?

As idas à mercearia do Seu Nozinho se sucediam diariamente. Era o ponto mais sortido do Canal. Tinha de tudo, até lamparina e panela de barro, o que — diziam — acabaria por levá-lo à falência. Advertência feita na própria bodega, Seu Nozinho morrendo de rir.

— Onde já se viu lamparina e panela de barro quebrar ninguém?

— Vá se confiando!

Contudo, toda vez que se deparava com a penca de candeeiros ou com os amontoados de panelas na prateleira, lembrava-se da história. Mas não ligava. Quebrar por que, se não havia concorrente à altura? Que podiam os botecos oferecer à freguesia, a não ser banana e manga, pão e bolacha e alguma coisa de verdura? E, vendendo fiado como faziam, eles é que quebrariam logo.

Matilde se encontrou na volta com Tildinha e os três menores.

- Mãe já veio?
 - É. E vocês na rua...
 - Nós fomos olhar a briga.
 - As mulheres se pegaram mãe.
 - Uma ficou toda mordida.
 - Pareciam duas cachorras. Foi preciso o Seu Antônio apartar.
 - Ainda tem é muita gente lá.
 - E onde foi isso, menina?
 - Lá perto do bar, ali na avenida.
 - Por que foi?
 - Sei não.
 - Eu já disse que não quero vocês longe de casa.
- O Toinho comeu alguma coisa no almoço?
- Bem pouquinho, mãe. Foi preciso o pai botar ele no colo. Depois mandou comprar broa pra ele.
 - Por que você não comeu, bichinho? Vem cá!

Dali a pouco estaria de tábua armada no terraço da frente, o ferro na janela, de fundo para a rua a fim de tornar mais rápida, pela ação do vento, a combustão do carvão.

A sombra já dominava a metade do valado. Não tardaria por invadir todo o Canal. Então a "Voz do Oriente" lançaria, na outra ponta, os primeiros sons da sua programação vespertina. Começaria com aquele chiado descontrolado, na altura das nuvens, para ceder lugar ao chorinho dolente, solado a cavaquinho.

— Esta, ouvintes, é a "Voz do Oriente", que inicia neste momento a sua programação vespertina desta tarde, com os seus possantes alto-falantes irradiando para o Canal e adjacências. Aqui vos fala Zé Maria Barroso, esse amigo de vocês.

E deixava que o cavaquinho prosseguisse na execução do chorinho gostoso.

Matilde puxava os panos da trouxa displicentemente. Primeiro aqueles que não exigiam esmero no engomado: panos-de-prato, toalhinhas, lenços e lençóis. As camisas, as calças, toalhas de mesa e colchas de cama necessitavam de maior cuidado. Um simples passar para lá e para cá não resolvia. A enfielra das meias ia ficando para um lado. Seriam depois colocadas no ponto de calçar. Dentro de casa, Tildinha batia na boca do pote com o caneco. Aos seus pés, o pequeno Toinho, de chupeta na boca, esburacava o chão com uma ponta de aspa de guarda-chuva.

Entregava-se à rotina do trabalho, com o pensamento fixando-se intermitentemente em pessoas e coisas diversas. Imaginava a situação do marido, sempre zelando pela aparência, sem desprezar o sapato, por mais modesto que fosse. A camisa por dentro e aquele jeitinho de sungar os ombros, mais para a esquerda, para a camisa acomodar-se ao corpo. O vaivém do pente, da cabeça para o bolso traseiro das calças. A velha carteira de cédulas, toda tomada por papéis e bugigangas, em tempo de estourar.

Bilinha para ela continuava o mesmo do tempo em que o conhecera, no auge da fama, defendendo a camisa do Ceará. E que gênio? Incapaz de reclamar, de proferir palavrão. Coitado, se não sustentava a casa era porque não conseguia emprego! E via no Mareco, já perto dos 13 anos, a cópia do pai, na semelhança do físico e na igualdade do temperamento. Depois se enternecia com o jeito do Toinho, vivendo a irresponsabilidade dos primeiros anos. Pensava na Tildinha, tomando conta da casa e gostando dos seus livros, de copiar e esboçar desenhos. E olhe que ainda não tinha 10 anos. Clotilde e Clemilde, as gêmeas, também surgiam em seus devaneios. Ninguém era capaz de distinguir uma da outra, somente os de casa. Não destoavam dos demais. Andavam invariavelmente juntas.

A brisa corria de ponta a ponta do Canal, tornando agradável o entardecer. A "Voz do Oriente" prosseguia no seu programa de "Mensagens Sonoras de Ouvinte para Ouvinte".

Pessoas transitavam pelos calçadões do valado, umas de regresso às suas casas, outras em demanda da Avenida da Vitória ou do Beco do Trilho.

Até ela chegava também o vozerio da mercearia do Seu Nozinho, que àquela hora deveria receber o fluxo maior da freguesia.

Matilde lembrava-se da moça do padre, com as perguntas e o interesse por ela e os seus, mais por Bilinha. A pescada chiava na banha, sob os cuidados de Tildinha, enchendo a casa de um cheirinho apetitoso. Não tardaria Mareco apontar na esquina, pelo Beco do Trilho. Bilinha chegaria depois.

9

BILINHA chegou naquela noite depois das 9. Era o derradeiro dia de recebimento das apostas e alguns pontos deixavam para marcar os cartões à última hora. Procuravam com isso inteirar-se da situação dos clubes participantes do teste. Às vezes ocorriam contusões em atletas ou suspensões, abalando a estrutura das equipes. Levavam em conta, e muito, igualmente, as dicas fornecidas pelas emissoras de rádio e estampadas nas páginas de jornais e revistas. Precisavam assim de ficar atentos às circunstâncias todas que envolviam as vinte e seis equipes figurantes em cada concurso.

Matilde aguardava a chegada do marido sem atinar direito para aquele tipo de atividade de que se vinha ocupando recentemente. Sentia, entretanto, que a ela se entregava com interesse e muito esmero. Toda vez que entrava em casa, dirigia-se logo para a mesinha da sala a fim de contar as papeletas e fazer anotações. Depois se dava a conferir o dinheiro do pequeno maço de cédulas.

Naquela noite o ritual se repetia demoradamente. Bilinha parecia querer chegar, pela ponta do lápis, ao resultado que mentalmente já conhecia. Talvez fosse apenas questão de organização no negócio. Ganhara na sua terceira semana de quengueiro a quantia de 19,60. Sem tirar nem por. Mais 3,20 do que na semana anterior. Poderia chegar à casa dos trinta cruzeiros na próxima.

Dependeria do seu esforço. Não havia quengueiro que se retirava da sala do Seu Erivã com o ganho de setenta? Multiplicasse 70 por 4 e teria quase 300 cruzeiros por mês. Onde conseguir emprego com esse ordenado, principalmente um, como ele, que nada aprendera na vida a não ser jogar futebol?

Tirante a zuada do doceiro Raimundo, na casa de frente, e se poderia dizer que o Canal todo dormia. A amplificadora "Voz do Oriente", fazia quase uma hora, encerrara a programação do dia, com o locutor Zé Maria desejando "aos moradores do Canal e adjacências o meu boa-noite e até amanhã, se Deus assim o permitir", em meio à execução do chorinho característico. Na ponta, somente a lâmpada acesa restava da vida que tivera a mercearia do Seu Nozinho durante o dia. O Posto de Bicicletas S. José também de portas fechadas. As estações de rádio já haviam colocado ponto final na transmissão do jogo do Ceará. Os aparelhos todos desligados. Apenas o doceiro Raimundo denunciava a existência de vida no Canal. Embriagado, como de costume, pondo nomes na mulher. Que saísse de casa e fosse procurar homem na rua. Não passava de uma galinha descarada. Não tinha dinheiro e pronto! Ninguém mandava nele, não! Que não se metesse a besta, senão ele acabava virando o pescoço dela para trás. Safada!

Bilinha e Matilde em seus aposentos. Dormiam em compartimentos distintos, ele na sala com os meninos, ela no quartinho com as filhas. Essa, a única maneira de se acomodarem na pequena casa. A salinha dos fundos, muito apertada, não comportava rede alguma. Lá se cozinhava e se comia, sabe Deus como! O fogo por baixo da prateleira e a mesinha com os bancos para o outro lado...

Na rede, Bilinha procurava afugentar o sono que o ia vencendo em meio à dormência geral. Detinha-se remembering alguns flagrantes do dia: o resultado do jogo em Belém; o prazer no momento em que ultrapassou o

limite do apurado da semana passada; as broas que comprara para o Toinho, que não queria almoçar; a conversa com o antigo companheiro Zuca. Ao mesmo tempo já antegozava a tarde que teria no outro dia, assistindo ao treino do seu querido Ceará. Lembrava-se então que, durante o Campeonato Nacional, os times quase não treinavam coletivamente e que os ligeiros exercícios de conjunto se realizavam, não mais às quintas e, sim, às sextas-feiras. Voltava a demorar-se no exame dos principais lances do jogo que há bem pouco terminara. As recordações se diluíam. Os pensamentos não mais obedeciam ao controle da mente, que já não podia resistir à letargia que lhe tomava o corpo todo.

Durante a noite não sonhou apesar da insistência com que buscara, na rede, apegar-se aos sucessos do dia. As imagens do filho Mareco envergando a camisa do Ceará, que lhe povoavam o sono, fruto dos seus projetos, quando se entregava aos devaneios do pensamento, traziam-lhe instantes de grande prazer. Concebia o filho atuando na mesma posição que o consagrara: a pontadireita. O menino batia forte com a direita e dele, naturalmente, herdara o pique velocíssimo. Nessas oportunidades aumentava as dimensões do quadro. Mareco não era mais o molecote franzino, mas o jovem de pernas robustas e ombros largos, fino de cintura, que encetava as arrancadas vencendo os adversários na corrida e arremessando violentos petardos ao gol. Noutras passagens, o menino virava ídolo, comprando roupas bonitas, como fizera ele nos seus bons tempos, o retrato nos jornais, as entrevistas nas emissoras de rádio, as movimentações na televisão.

Ah as suas imagens, os seus sonhos, o Mareco feito jogador, com as características do pai, sem os defeitos que ele tivera! Um Mareco perfeito!

10

A ENORME trouxa, preparada de véspera, dentro em pouco seria arrastada cautelosamente do canto da salinha. Matilde praticava verdadeiro malabarismo, agachada, diligenciando, em manobras de ré, para não abalroar os corpos em descanso nas tipóias encardidas. A prática se repetia diariamente. Depois era cerrar a portinhola, alçar a trouxa à cabeça e chispar em demanda do riacho. Percorrer o mesmo caminho: ir à ponta do Canal, dobrar à direita, seguir pelo beco estreito até a Padre Romão, quebrar à esquerda, transpor os trilhos, andar mais um pouco, esgueirar-se beirando o oitão do ponto de mercearia e finalmente atingir a quadra.

Em casa, Bilinha e os meninos dormiriam até mais tarde. Não teriam pressa em acordar. Nenhuma obrigação os estaria convocando à pontualidade. Tildinha passaria novo café, que todos tomariam, armados com pedaços do pão visguento vendido por Seu Nozinho. A manhã transcorreria, certamente, como as demais e ninguém atinaria para o tipo de trabalho que ela executava para que todos ali desfrutassem pelo menos daquele mínimo de condições de existência. O Canal dali a pouco regurgitaria pleno de vida, expondo a sua gente, as suas coisas e os fatos a que tão bem servia de palco.

— Pai, o café está pronto. Vai mandar comprar pão?

Bilha, estirado na rede, de calção e camiseta, exibia a musculatura vigorosa das pernas, credencial maior, a única que restava, a atestar a sua grandeza nos gramados.

- Está aqui, menina. Vai comprar!
- Quantos?
- Dois.

E permaneceu deitado, estirando as pernas como que para livrar-se dos resquícios de dormência que acompanhavam o sono. Teria um dia livre pela frente, sem treino do Ceará para assistir e sem volantes da Loteria para distribuir. Somente na segunda voltaria a entregar-se à ocupação ultimamente conseguida. E se deixava ficar naquela pasmaceira, ouvindo fragmentos de conversas concertadas pelas pessoas que passavam. Bem que poderia permanecer ali a manhã toda, ora pensando, ora se entregando à madorna. Era só tomar o café e atirar-se novamente na tipóia.

Viera-lhe dos tempos de jogador o costume de levantar-se tarde. Os treinos se realizavam geralmente no período vespertino e, por isso, não carecia de andar madrugando lá pelo campo.

Não resistiu ao segundo aviso da pequena Matilde.

Na cozinha as crianças se comprimiam em volta da velha mesa, agarrados aos canecos e aos pedaços de pão. Apenas Mareco descompunha o grupo: Clotilde e Cremilde, de um lado; Toinho, o mais novo, na cabeceira, todo ancho, ensopando o pão no café, e Tildinha fazendo as vezes da mãe no comando do serviço.

- Cadê o Mareco?
- Saiu, pai.
- Pra onde?
- Pro posto. Só quer saber agora de bicicleta, pai.
- Onde ele anda arranjanjo dinheiro?
- Sei não. Foi bem a mãe que deu...

Bilinha sempre evidenciara qualidades de pai extremo. Tratava a todos com desvelo e jamais se lhe ouviu alterar-se a voz para reprimir um mal-feito de qualquer um dos filhos. Brincava com todos, sendo capaz de conversar horas e horas com o filho mais velho sobre coisas do futebol. E que prazer não lhe contaminava o espírito quando o menino lhe revelava, ao meio-dia, ou, à noitinha:

— Pai, fiz hoje três.

Ou, então:

— Pai, fiz hoje um de barreira. Entrei com bola e tudo.

Era o suficiente. A revelação acordava todo o antigo craque que teimava em permanecer semiletárgico nos nervos, no sangue, na alma do ex-ídolo alvinegro.

Estava principiada a conversa.

— Jogou em qual posição?

— Na ponta, pai.

— E o outro time prestava?

— Ora se... Só tinha menino grande. Terminou em pau. Não queriam perder, não.

O menino prometia. Bilinha não se cansava de admirar a velocidade e o senso de colocação que demonstrava nas peladas ali pertinho, no Campo do Ceará. Talvez nenhum outro batesse o seu Mareco na corrida, o que representava bom sinal. Atacante lerdo não lhe merecia elogios. Era preciso correr muito, vencer os adversários no pique.

Mareco, sem dúvida, dava os primeiros passos na atividade que fora dele, que lhe dera a fama e a glória. Ah se pudesse ter o seu tempo de jogador agora! Na sua época, o futebol pouco rendia. Os clubes vivendo cons-

tantemente sufocados em crises financeiras, sem condições de oferecer bons contratos aos atletas.

Teria razão Bilinha para repetir, sempre que podia, o desabafo? Falava como se "o seu tempo" fosse o do amadorismo, os clubes formando os seus plantéis com rapazes bem nascidos que, ao invés de exigirem, acabavam contribuindo para a sua manutenção. Não pertencera ao maior esquadrão de futebol da Bahia e para cá não se deslocara atraído por tentadora proposta do Ceará? Com o futebol que praticava, deixou alguma vez de renovar contrato nas bases pretendidas?

Certamente não seria o único de sua classe a lamuriar-se, a desejar que o tempo retrocedesse...

CORRIA a manhã, enchendo o Canal de movimento, as pessoas nos dois lados, pelos calçadões, quase alcançando as cumeeiras das casinhas, tal a depressão do terreno em que se achavam dispostas.

Passava o homem da verdura, baixote, com o tabuleiro de pernas compridas, a ponto de roçarem no chão. Passava o homem do óleo, de vasilhame a tiracolo, com a torneirinha, medidas na mão, assemelhando-se a um vendedor de chegadinhos. Dali a pouco seria a vez do carniceiro. Bateria forte no lado do caixote para fazer-se anunciar, a carne da pior qualidade, já pesada em pedaços de quilo e de meio-quilo.

Recostado na janela da frente, por fora, Bilinha matava o ócio da manhã calorenta, de vez em quando entrando em breves diálogos com os transeuntes, seus conhecidos, todos moradores do mesmo cortiço.

- Que tal o jogo de ontem, Bilinha?
- Bom. Dava pra ter ganho. O outro time acovardou-se todo, com medo. No meu tempo...
- Eles chegam ao meio-dia.
- É...
- Que é que você acha daqui pra frente?
- O time vai se classificar folgado. Agora só sai uma vez de casa, lá para o fim.

— Vou já pra sede ver se pego um lugarzinho no ônibus. Não vai, não?

— Não. Apareço amanhã, para o treino.

O homenzinho largava-se, já àquela hora, para a sede. Com certeza muitos por lá se encontravam desde manhãzinha, alguns com propósitos idênticos aos dele: apanhar uma carona no ônibus que iria ao aeroporto buscar a delegação. Faziam parte da numerosíssima multidão de torcedores alvinegros, fanáticos, criadores de mitos e de ídolos, capazes de sacrificarem as mais prementes necessidades, mesmo as de alimentação, para pagar o ingresso nos dias de jogos e treinos.

Não fosse a humilhação da carona e muito lhe agradaria comparecer à chegada do pessoal, abraçar e sentir em cada um a antecipada projeção do seu filho Mareco. E que satisfação em saber, deles mesmos, como se desenrolara o jogo, aquela história do gol anulado, o recuo do adversário, a safadeza dos bandeirinhas! E haveria, naturalmente, também o prazer de todos eles em lhe responder pois que se fariam entender.

Quem sabe se na Praça não encontraria alguém para convidá-lo a ir de carro. Tinha quase a certeza de que não lhe faltaria o desejado convite. Mais um ou dois, de igual modo convidados, completariam a lotação, tornando o passeio mais agradável.

— Pai, não vai buscar o time, não? Tem é gente na sede esperando o ônibus!

Entregue à idéia da ida ao aeroporto, não percebera a aproximação do filho mais velho, vindo pelo Beco do Trilho.

— Muita gente já foi na frente. O 29 desde manhã que bebe no botequim do Seu Xoró. Está dizendo que hoje se mela.

Bilinha ouvia calado as informações trazidas por Marco, que permanecia escanchado no varão de uma bicicleta velha, caindo aos pedaços. Olhava para o menino e para o veículo disforme. Parecia que se completavam, aquele nu da cintura para cima, as costas alagadas de suor, pés descalços, imundos de poeira, um pó escuro, quase da sua cor; aquela, desfalcada de peças, conservando apenas as indispensáveis à rodagem. Estava ali a verificação do que afirmara Tildinha à hora do café. O irmão metido com bicicletas.

Desaprovava o procedimento do filho mas não reunia coragem para chamar-lhe a atenção. Dizer-lhe que não mais fizesse aquilo, que corria o risco de ser atropelado, que não jogasse fora o dinheirinho da mãe, que se matava, encharcada no riacho, todo dia, para manter a casa. Outros argumentos aflorariam à mente do ex-jogador, sobretudo o que mais lhe provocava o aborrecimento: saber que as bicicletas bem poderiam afastar o menino das práticas do futebol. Esse, decerto, não lhe passaria em rosto. Não teria sentido recriminar um tipo de vadiagem por temer viesse impedir um outro, talvez tão condenável, aos olhos do mundo, como o primeiro. Ninguém, de sã consciência, aprovaria o despropósito. Nenhum jogador de futebol tivera pai ou mãe que o encarreirasse para a profissão. Pelo contrário. Ele mesmo se transformara em futebolista a contragosto do velho Elpídio, que tanto se esforçara para que aprendesse a arte de sapateiro.

Os minutos passavam e nada de demonstrar a sua desaprovação ao menino. Costumava embasbacar-se diante de situações assim, por mais simples que se apresentasse a questão. Duas ou três palavras explicativas do descontentamento ou um simples carão talvez fossem o suficiente. Entretanto, faltava-lhe a coragem. Era do seu temperamento. Evidentemente não nascera para repreender, contrariar sensibilidades, fazer como o velho Elpídio, seu pai:

— Passa pra dentro, moleque sem-vergonha! Se eu te pegar outra vez com bola na rua, eu te quebro de pau, seu safado!

Por isso, permanecia naquela atitude, a olhar para o menino e para a bicicleta, alheio ao berreiro do locutor Zé Maria, anunciando as mensagens sonoras “pelos possantes alto-falantes da ‘Voz do Oriente’”.